

Centro de Estudos Bahianos

AFFONSO RUY

UM AGITADOR BAIANO:

Cipriano Barata de Almeida

Publicação

21

SALVADOR - BAHIA

UM AGITADOR BAIANO :

Cipriano Barata de Almeida

Precisamente na data de hoje, em 26 de setembro de 1762, há 190 anos, nascia nesta cidade, no distrito de São Pedro, Cipriano José Barata de Almeida, bacharel em filosofia pela Universidade de Coimbra, que lhe deu certificado de cirurgia.

No cenário político do Brasil, nas quatro primeiras décadas do século 19, a sua sombra projeta-se como paradigma da reação e da revolta, incontentado e intolerante, cheio de um nacionalismo, de tal forma exagerado, que o tornava ridículo, vestindo tecido grosso de algodão feito na Bahia, calçando sapatos de couro de bezerro, curtido na sua terra e chapéu de palha de carnaúba, numa demonstração de que honrava a produção nacional. Por essa indumentária, ouviu em Lisboa, ironias dos constituintes e vaías das galerias assalariadas para desorientar os deputados brasileiros. A essa assistência, Cipriano, de uma feita, colérico e ameaçador, respondeu, após uma manifestação hostil a sua pessoa:

"Visto o que minha terra dá. O Brasil me veste e me alimenta: Vestiu e alimentou vosso rei, quanto mais a mim que sou seu filho".

Sem lei e sem Deus, protestando contra o rigor daquela e a inclemência deste, fazia da palavra o meio de agitar as massas populares, incitá-los a revoltarem-se contra as autoridades e contra o que julgava restringir a liberdade. E qual novo Quichote, a sua oratória inflamada, a sua diletica ao alcance da gente da rua, exercia a função de lança contra os moinhos de vento que sua imaginação via ameaçar a integridade da pátria, realizando o milagre de criar múltiplos Sancho-Pança, prosélitos das suas idéias, adquirindo popularidade pela ação das autoridades que arrastava o tri-

92 Alm
5720



buno às masmorras por longos períodos e a constantes remoção dos presídios dos quartéis às enxavias das fortalezas, sem que isso lhe aquebrantasse o ânimo, nem impedisse de conspirar e injuriar os governantes.

Como jornalista, ou melhor panfletista, que o era no rigor da palavra, dirige "*A Sentinela da Liberdade*"; ora na guarita de Pernambuco, ora na de Fortaleza de São Pedro da Bahia ou na de Praia Grande do Rio de Janeiro (1) locais que assinalam a prisão em que se encontra recolhido.

A linguagem é sempre a mesma: desabrida e enérgica; a finalidade, sem discrepâncias, é o ataque aos governantes gananciosos de lucros fáceis, insultando, denunciando, vaticinando a destruição dos que empestavam o Brasil.

Essa intolância com o governo pode ser *ilustrada* com o seguinte episódio: Pedro I, querendo demonstrar sua simpatia pelos sete constituintes brasileiros egressos da Corte de Lisboa, entre os quais estava Barata, agraciou-os com a Ordem do Cruzeiro e alguém, indagando por que não usava êle a sua venera, demonstração da régia munificência, respondeu, orgulhosamente: "Porque quero continuar a ser virtuoso". E manteve essa opinião, repetindo ser "a fidalguia peste da sociedade, os fidalgos malcriados, tiranos e ladrões, frívola substituição de hábitos, as chamadas ordens e despotismo criar títulos com apelidos de territórios, por ser isso um princípio de feudalismo".

Já era assim Cipriano Barata em 1797, desabusado de palavra, incréu e violento, a ponto de interromper a pregação dos missionários na terra de Inácio de C. Bulcão, onde se dedicava à lavoura canaviária. Dê-lo o Pe. José da Fonseca Neves, vigário da Freguezia do Monte, ao denunciar o cirurgião à Rainha, apontando-o como "homem infenso em todos os sistemas ao alto decôro

(1) Segundo Hélio Viana no seu monumental trabalho "Contribuição à História da Imprensa Brasileira" (pag. 464), já existia em 1823, "*A Sentinela da Liberdade à beira mar de Praia Grande*", fundado por Giuseppe Stefano Grandona, genovês de nascimento, Consul de Sardenha e antigo carbonário. O sr. Francisco Marques dos Santos possui exemplares desse pasquim. Nesse mesmo ano de 1823, iniciativa Cipriano Barata, em Recife, a "*Sentinela de Liberdade* cujo 1.º numero circulou a 9 de abril.

a S. M. e juntamente a Jesus e sua esposa e nossa mãe a Santa Igreja". As sanções canônicas nesse século 18, não atingiam os heréticos com penas corporais. As fogueiras inquisitórias, apagadas de há muito, não calcinaram os ossos de Baratinha, mas o prestígio da Mitra lhe pôde causar danos materiais, conseguindo que Siqueira Bulcão despedisse — de suas terras o rendeiro inconveniente.

Surge Barata na cidade do Salvador, nos primeiros mezes de 98. A sua heresia crescera na vaga direta da oposição sistemática ao governo. Como os operários e escravos eram os desfavorecidos, presta-lhes assistência, curando-lhes as feridas e instilando nêles o veneno da revolta.

Na preparação da revolução Social da Bahia, a sua função é, evidentemente, articular o movimento da rua. Arguto, aproxima-se dos quartéis, faz-se amigo dos oficiais encarregados dos comandantes da guarda, que estão sempre em contacto com a tropa. A sua palavra, inflamada é convincente, vai levando aos ouvintes a teoria da subversão, a mística da insubordinação pelo bem maior que era a repartição da terra, a liberdade e a igualdade dos homens que nivelam classes e extinguem castas. E êsses conciliábulos empolgam de tal forma Barata que, em pleno quartel, no corpo da guarda do presidio da Praia, discorre sôbre os benefícios da revolução e, no alojamento do Tenente Hermogenes de Aguilhar Pantoja, brinda, com entusiasmo, a república.

A ideia revolucionária encontrava no povo, escorechado de impostos, comprimido pela alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade, espectacular receptividade. Os adeptos faziam-se fanáticos; o sigilo cedia lugar a manifestações públicas de desrespeito à autoridade real. Cipriano, quis debalde, frear o entusiasmo dos conjurados, ora afirmando a Lucas Dantas que era melhor haver demora na eclosão do movimento "porque quanto maior fôsse o número de gente se atingiria maior êxito", ora aconselhando a Manuel Cirilo e a Juvenal, elementos que não mereciam confiança, conjurados indecisos, sem fé revolucionária, embora tralhados por João de Deus do Nascimento, a não pensarem em revoltas contra Portugal que tanto beneficiava a Colônia.

E quando, às Ave Maria do dia 24 de agosto, é preso Lucas Dantas de Amorim, o verdadeiro autor dos boletins sediciosos que desde o dia 12 desafiavam a dignidade da realza, proclamando a ânsia de independência. Cipriano, embora protegido pelos componentes da célula secreta que manejava o fracasso movimento, sentiu-se, de logo, ameaçado. No dia 6 de Setembro de 1798, é preso, recolhido às enxavias da Câmara, e a sua casa varejada pelo Capitão José de Souza Portugal, que lhe apreende a biblioteca, uma série de 60 e tantos volumes, onde, de permissão com monografias de medicina e cirurgia, apparecem, suspeticamente, Officinas sôbre a evolução social dos povos.

Mas esses livros, levados a palácio, entregues ao governador D. Fernando José de Portugal, em vez de encaminhados à justiça, só foram apresentados, segundo os autos de devassa, ao juiz proccesante, dez. Francisco Sabino da Costa Pinto, no dia 22 de Setembro, 13 dias depois da detenção do indigitado, contra quem indícios veementes vão se accumulando, através dos provimentos de testemunhas e confissão de cabeças.

Em 24 de setembro, prosseguiu as diligências contra Barata; novamente é visitado a Casa de Joaquim José Barata de Almeida, irmão mais velho de Cipriano e em cuja companhia residia, lá se sequestrando 5 escravos pretos e sendo apreendida uma carta de Cipriano dirigida ao Capitão Luiz Gercent, proprietário da fazenda Soaiba, no recôncavo, e assim redigida:

"Am.º e Sr. Gercent

Mi.º desejava lá ir p.º conversar ep.º lhe dizer o grde. perigo q. esteve o nosso am.º Bulcan, nam obstante eu me ter mudado de laurador de canas, p.º de mandioca.

Enfim meu am.º, o tempo está milindroso p. escritas, com a visita falaremos; qdo. a vaca q. deixes recomendada ao Tomé, partir, lá irei, ou aliás eu as tu. qdo. for ao Pandalunga (2). Como o nosso am.º Bulcan nam me quiz responder am.º ultima carta, nam quero ser importuno agora; diga-lhe como couza sua, q. conhe-

(2) Engenho Pandalunga, no Municipio de Santo Amaro.

ça a Miguel Jeronimo como seo capitul inimigo; q. se tal monstro potesse ingolir o Reconcavo p.º ficar elle só vomitando sobre essa grde. porçam do Continente, pabrilagens e fidalguias, o teria já feito. Diga-lhe mais que eu á poucos dias tive grde. debate de palauras em sua defeza, e que faço oq. elle talvez nam farta por mim em pontos do maior momento. O mais qdo. a vista.

Meo am.º, rogo-lhe q. por amizade, e por sua bondade me aja de remeter ese meo rendeiro ruso que está na sua matada, fazendo-o embarcar no pr.º barco q. tiver comodo pa. iso, e eu cá pagarei; recommendo-lhe que me mande meter a bordo quatro feixes decapim; tenha paciência, faça este favor, como quem faz os ultimos officios a um laurador de canas defunto. A m.º negra vai pa-conduçam do tal cavallo, e naturalmente a de lhe fazer pangeria decarne e farinha os dias q. lá estiver; faça por estes incomodos, q. eu farei outro tanto quando se offerecer ocaziam.

Temos escapado do grandissimo desastre da rebeliam dos escravos, mulatos e negros; ainda o sangue de todo senam aqueceo, visio o perigo a q. temos andado expostos. Mas amigo cautela com esa canalha africana e veja que o tempo pede circunspeçam. Aqui fico curando uns, e matando outros, e enjuriado pelos da terra. Deus queira sosegar tudo, e dar a Vmce. muito asucar; careço ocazions de le Emprestar, pois sou deveras seo am.º

Dezejo-lhe felicidade. e a lhm.º Stra. D. Felizarda; e

as suus ordens, pois sou deveras seo am.º Barata"

Subscrito: A meo Amigo o Sr. Capm. Luiz Gercent

Que viva ml.ºs anos

Em sua fazenda Soaiba" (3)

Essa missiva dá lugar a conjeturas.

Teria sido Cipriano Barata de Almeida vítima da sua imprudência ao afirmar em discursos, ser vantajoso o regime repu-

(3) A presente carta foi apreendida em 19 de Setembro de 1798. Desde o dia 6 de Setembro Cipriano Barata tinha sido preso.

blicano, discursos que, conforme êle próprio em depoimento afirmou, teriam sido "mal ouvidos e pior interpretados por alguns dos pards interessantes da revolução?"

Ou prepararia o cirurgião, com aquela agudez de espírito que lhe era peculiar, um alibi convincente, inculcado pelos "Cavaleiros da Luz", os poderosos amigos dos cerventiculos da Barra ou, quem sabe, lembrado pelo próprio governador?

O fato é que essa carta, inexplicavelmente encontrada na 2.ª visita das autoridades à sua residência, e anexada aos autos sem nenhum termo, é a salvação de Cipriano. Por ella os julgadores esquecem depoimentos de testemunhas e confissões que o emedavam no movimento, e, baseados nela, o absolvem pela "debilidade de prova". Passaram-se entretanto, 14 meses de reclusão, de tal forma penosos para o agitador que, enfurecido com a solução do seu caso e talvez crente da inocuidade do documento, em a manhã de 22 de janeiro de 99, rasga o peito à ponta de tesoura, aos olhos da população carcerária em alarma, declarando ao cirurgião Francisco Luiz Reina não pretender se suicidar mas tão só aliviar-se, como habitualmente fazia, quando tinha alguma paixão mais forte, acalmada pela dor física do ferimento. (4)

Fica sem resposta a dúvida da inocência ou da culpabilidade de Cipriano Barata ante a sua figura enigmática. Se, todavia nos inclinarmos para a improcedência das acusações, poderemos pensar ser a irritabilidade quase permanente do fogoso tribuno popular uma manifestação mórbida resultante daquela prolongada detenção, que mais ampliara a sua impulsividade sofrçada quando atirou, esca-

(4) Barata foi preso em 6 de Set. de 1798 e só conseguiu absolvição em 5 de Oto. de 1799.

Trecho do exame de corpo de delicto feito em 22 de Janeiro de 1799 em Cipriano Barata por ter chegado ao conhecimento do Desembargador de agravo Costa Pinto:

"achar-se elles com hum ferimento que em si proprio havia feito na manhã de hoje a 10 horas" assim declara o cirurgião Francisco Luiz Paiva, certificando desta forma o escripto:

"E na minha presença vio e examinou ao dito. Cipriano José Barata, edeclarou ter sobre o peito, e parte esquerda huma arranhadura com humna polegada de extensão, e figura triangular, que mostra ser feita com instrumento que pouco, ou nada cortava, e com receo de ferir, pois que só offendendo a cutis, e nada mais tem.

da abaixo, no Parlamento português, o Marechal Pinto Franca por transgír este com os deputados lusos, traindo os ideais do povo que o elegera, ou quando, sem temor, declarou, ameaçador, aos que negavam a proclamada úberidade do solo brasileiro:

"O Brasil tem tudo. Farinha para comer. Algodão para vestir. Pau para quebrar a cabeça dos seus inimigos"

No ânimo do trepidante agitador não ficaram traços das prolongadas estradas nos calabouços onde pagara o tributo de pensar alto em liberdade e proclamar o seu amor pela terra natal.

Se Pedro I não lhe perdoou a participação no movimento anti-lusitano de Pernambuco em 1825, que culminou com a deposição do presidente da junta governamental, fazendo-o condemnar à prisão perpétua, posteriormente reformada pela Relação da Bahia, a Regência fez-se algoz do indomável sexagenário, mantendo-o em prisões de onde, a cada passo era transferido, sem conseguir extinguir a *Sentinelada da Liberdade*, nem aquebrantar o ânimo de lutador que saia dos presidios sadio e cada vez mais revoltado.

Um dia, em 1834, com 72 anos, voltou a Bahia como um cidadão qualquer, sem aquella popularidade que a ausência e as prisões fizera esquecer. Refugiou-se, silenciosamente, em Campinas de Brotas, dominado pela diabete, crivado de dividas, preocupado com o problema da sua familia com 3 filhas em idade de casar. A policia — politica, entretanto, ronda-lhe a porta esprei-

E pelo mesmo offendido me foi dito que elle, proprio fizera em si aquelle arranhão com humna tizoura de aparar unhas na manhã de hoje a 10 horas, publicamente na salla feixada onde se acha preso, e sem mais cauza do que preocupar-se de queixar de se ver preso e para liltivo, e desabato dela comprimiu com a mão esquerda a carne no lugar onde está o arranhão e cum humna tizoura, conqueque tinha acabado de aparar as unhas, em acção como de cortar e aquella offensa em si proprio; o que tinha ja de costume porque teve alguma paixão mais forte, logo se feria ou fazia em si cousa, que lhe cauzasse dor, pois com esta alliviava alguma parte da mesma paixão, o que comprovou mostrando **na mesma parte do peito quatro cicatrizes**, que mostravão ser de feridas feitas com instrumento perfurante, dizendo tinham sido feitos por elle proprio em si em semelhantes occasioens de paixão, e para o fim ja expressado"...

ta-lhe os passos, mantendo constante vigilância que mais o enervava e revolta. Resolve deixar a Bahia. Arruma os bahús e, qual novo Ashaverus, parte para o norte. Na edição de 30 de maio um vesperino baiano publica a seguinte declaração:

"Ao público. [Cipriano José Barata de Almeida, escritor da Sentinella na Guarita de Pernambuco e outros lo-gares, o defensor dos direitos e prosperidades do Brasil: depois de varios padecimentos em abobadas de fortalezas e presingangas e sentenças iniguas; depois de mil traicões toleradas com resignação de um philosopho, torna para aquella provincia sua primitiva guarita, atropellado nesta Bahia, sua patria pois vê a sua casa cercada e espionada muitas vezes alta noite por cavallaria e infantaria, mesmo no retiro em que habita elle vae perseguido e corrido, buscar guarida e segurança com sua familia em Pernambuco, afim de escapar as aleivosa machinações de seus Emulos invejosos que se diz, ja tramão até atrocidades contra o Anunciante; pelo que elle se despede de todas as pessoas que lhe tem affeição ou amizade; concluindo com Scipião: "Ingrata Patria: não possuirás os meus ossos. [Bahia em a Campina de Brotas aos 25 de maio de 1834 [Cipriano José Barata de Almeida" (5)].

Só por isso, por ausente da Bahia, Cipriano não estava arrolado entre os culpados, da Sabinada, um dos poucos movimentos em que não se imiscuiu, aplaudindo, incitando apoiando ou colaborando. Deveria vibrar, e arrepende-se dessa mudança da Bahia, agora em armas, êle, o panfletário vermelho, o orador destemido, o agitador no sentido lato da palavra, mesmo após a série infinita de aventuras politicas de conjuras e de prisões.

Ninguém, como Cipriano Barata, conheceu melhor o inferno dos cárceres infectos, das masmorras das fortalezas e dos porões das presingangas, onde, parece, acumulava forças para, ao sair, ser mais violento, mais revoltado, mais audacioso.

(5) Publicada no jornal "Democrata" em 30 de maio de 1834.

Na sua vocação de agitador, foi um modelo de dignidade, porque jamais transigiu com os poderes constituídos, silenciando em troca de vantagens.

A prisão sofrida em 1798, na Bahia, com o rosário de infinitas misérias de que fóra testemunha, criou em Cipriano Barata uma permanente revolta contra os cárceres e contra os processos policiaes para extorquir confissões. Por isso combatu na Côrte de Lisboa os castigos corporais e pleiteou a abolição das cadeias públicas, numa indicação apresentada ao plenário, pouco conhecida, mas que vale, nessa oportunidade, ser lembrada:

"O escândalo em que ainda hoje se conservam quase todos os instrumentos com que a tirania nos esmagava; a animosidade com que ainda se abusa dos ditos instrumentos, fazendo que alguns Juizes olhem para o despotismo como dormente, e não como defunto, exigem que eu requera o seguinte:

- 1.º — Que se arronhem todos os segredos, fazendo delle salas e quartos commodos, claros e arejados.
- 2.º — Que se ajuntem todas as correntes, grilhões, an-ginhos, tenazes e cutelo de esquartejar e degolar as infelizes victimas, e que tudo seja lançado no abismo do Oceano.
- 3.º — Que se extinguam todos os calabouços e masmorras que se acham quasi dentro daqua ou debaixo de abobadas humidas, indo já ordem à Bahia de Todos os Santos para fazer tudo isto ficando logo e logo extinta a prisão que se acha debaixo da abobada do forte de São Pedro; e a outra infernal masmorra do forte do mar, pegada à cisterna, a qual masmorra tem 17 passos de comprimento e 4 de largura, tenebrosa e cheia de morte, e a outra obobada da pria da Jeguitaia, e outra qualquer que estiver em idénticas circunstâncias. As mesmas ordens devem ser mandadas para to-

das as provincias do Reino Unido. Lisboa. 7
de fevereiro de 1822"

A voz de Cipriano não foi ouvida pelos Constituintes irritados com aquê deputado brasileiro, de físico mesquinho e indumentária esquisita, impetuoso e inteligente. Os cárceres não se fecharam as presingangas não foram supressas, os grilhões não se partiram nem atirados ao mar os humilhantes instrumentos de tortura. Antes, como uma punição, a fatalidade fê-lo passar grande parte da vida, em contacto com aquela objêta aparelhagem, entre as grades de prisões que, no seu idealismo, propusera fôssem arrancadas para que entrassem, sem entraves, o sol e a vida.

Cipriano Barata de Almeida passou ao nosso século como um simbolo e um exemplo de liberdade e, sobretudo, de tenaz resistência aos poderosos. A revolução social da Bahia foi o pórtico de sua immortalidade.